

Apontamentos iniciais sobre a prática do jornalismo de dados à luz da ética profissional

Initial notes on the practice of journalism data in the light of professional ethics

Lucas Vieira de ARAÚJO¹

Resumo

Este artigo trata da prática do jornalismo de dados a partir da ética jornalística, assunto relevante tendo em vista a grande quantidade de informação disponível em rede e a prática do jornalismo de buscar nesses dados subsídios para a produção de notícias. Do ponto de vista metodológico, realizou-se uma discussão teórica a partir dos pressupostos da ética aplicada ao jornalismo e das contribuições sobre a natureza dos dados, da filosofia da informação e de sistemas complexos. Entre as conclusões, atestou-se a ausência de discussões sobre o assunto no âmbito das raras publicações dirigidas ao setor e da importância da ampliação do debate entre os agentes envolvidos.

Palavras-chave

Jornalismo; Dados; Ética; Informação.

Abstract

This article deals with the practice of data journalism from the journalistic ethics, relevant issue in view of the large amount of information available on the network and the practice of journalism to pursue these subsidies given to the production of news. From a methodological point of view, there was a theoretical discussion from the assumptions of ethics applied to journalism and contributions on the nature of the data, information and philosophy of complex systems. Among the conclusions, attested to the absence of discussions about it in the context of rare publications for industry and the importance of expanding the debate among stakeholders.

Keywords

Journalism; Data; Ethics; Information.

RECEBIDO EM 29 DE JANEIRO DE 2016
ACEITO EM 05 DE JULHO DE 2016

¹ Jornalista. Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social na Universidade Metodista de São Paulo. Mestre em Literatura pela Universidade Estadual de Londrina. Integra o Grupo de Pesquisa Novas Narrativas – Universidade de São Paulo. Bolsista Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Contato: lucasaraujo@sercomtel.com.br

As mudanças provocadas pela tecnologia no jornalismo são latentes e evidentes, mesmo diante dos olhares mais reticentes. Depois de uma fase em que o jornalismo utilizou-se de meios tecnológicos para divulgar notícias, atualmente o próprio *modus operandi* da profissão mudou para se adaptar à nova realidade. Se antes as máquinas eram o meio, agora são a própria mensagem, lembrando as ideias do eminente pesquisador McLuhan (1964). A tecnologia alterou de tal forma a vida humana, e, por extensão, áreas como o jornalismo, que não se discute atualmente se as mudanças virão, mas como adaptar-se a elas.

Exemplo disso são as plataformas móveis, as quais não existiam há algumas décadas, mas hoje dominam a audiência em diversos setores. Sendo novidades, ainda existem mais perguntas e respostas para a maneira apropriada de fazer jornalismo para esses públicos, pois grande parte desses consumidores de notícia não tinha nascido quando o rádio, a TV e o jornal criaram um modelo de criação e transmissão de notícia décadas atrás (TAPSCOTT, 2010).

Além de aprender a lidar com esse novo ambiente, o jornalismo está em um momento de rever as técnicas empregadas na produção e difusão das notícias. Alguns autores, por exemplo, discutiram “perfis e competências profissionais dos jornalistas que atuam na gestão da produção e distribuição de conteúdos noticiosos para plataformas móveis no Brasil” (JORGE; OLIVEIRA, 2015, p. 113). Depois de realizada a pesquisa, constataram que há uma harmonia entre conhecimentos antigos e novos, mas não trataram de determinados aspectos, como quais seriam as novas ferramentas mais apropriadas para os jornalistas que laboram com as novas tecnologias.

Nesse sentido, é importante uma reflexão sobre o jornalismo de dados, tema ainda incipiente na academia e pouco presente das redações. Apesar da restrita discussão sobre o assunto, ele é extremamente relevante porque representa um novo campo a ser desbravado por jornalistas. Tradicionalmente os profissionais de imprensa utilizam a internet como fonte de informação, mas apenas em nível de usuário e não como alguém que pode obter informações relevantes para uma reportagem a partir de ferramentas de mineração de dados, por exemplo.

No entanto, como toda área a ser desbravada, o jornalismo de dados carece de parâmetros, notadamente os éticos, pois trata-se de uma atividade que lida com informações pessoais, as quais merecem cuidado na divulgação. Conquanto os dados sejam públicos ou digam respeito à organizações públicas, e não a pessoas, é preciso delimitar o caminho sob o qual vai trafegar a notícia, sob pena do jornalista cometer equívocos que podem custar reputações e até vidas.

Assim, este texto deve tratar desses aspectos sob o ponto de vista teórico com o propósito de lançar luzes em relação às questões mais prementes a partir das contribuições de estudiosos que já se debruçaram sobre esses assuntos. Para tratar da ética, este artigo valer-se-á das contribuições valiosas de jornalistas e teóricos como Bucci (2000), Abramo (1988), Karan (2014) e de dicionários de filosofia, como de Abbagnano (2007), que ajudarão na definição de termos e expressões comumente utilizadas.

Já sobre jornalismo de dados e uso de informações estruturadas este artigo deve contemplar os estudos de pesquisadores como Lima Júnior (2012, 2015), Barbosa (2007) e Bahia (1971) e ainda as lições técnicas do *Manual de Jornalismo de Dados* (2012) e do livro *Ferramentas Digitais para Jornalistas* de Crucianelli (2010). Quando for preciso conceituar dados, informações e sistemas complexos serão válidas fontes como Floridi (2010), Mitchell (2010) e Gleick (2013). Wiener (1950) contribuirá com suas acepções acerca da cibernética e da importância da comunicação.

Dados, informação e comunicação

Quando os primeiros estudiosos do jornalismo no Brasil começaram a conceituar e a delimitar o campo, as técnicas e a matéria-prima da área, ainda nas décadas de 1960 e 1970, havia grande preocupação em tratar dos primórdios. Dentre os quais o elemento mais indispensável do jornalismo: a informação. Juarez Bahia, em obra seminal, lembra que todos os meios de comunicação partem de uma linguagem, a qual prescinde da informação. O brasileiro recorre a Norbert Wiener, pesquisador estadunidense, para conceituar informação como “ocorrência de um fato, cuja probabilidade foi ou será ulteriormente determinada” (BAHIA, 1971, p. 10). Wiener é lembrado porque criou a escola de pensamento cibernética, cujo objetivo foi, dentro outros, “desenvolver uma linguagem e técnicas que nos capacitem, de fato, a haver-nos com o problema do controle e da comunicação em geral” (WIENER, 1950, p. 17).

O que uniu Wiener e Bahia foi a essência da matéria-prima da comunicação, haja visto que o professor norte-americano não era jornalista, mas um matemático e filósofo preocupado com a forma como a forma como se dá o processo de comunicação. Wiener ateu-se à troca de informações entre máquinas e Bahia aos mecanismos usados pelo jornalismo para transmitir informações às pessoas. Ambos, porém, partiram da premissa de que é preciso compreender, amiúde, do que se compõe a informação para conhecer e eliminar possíveis fontes de ruídos que possam prejudicar a comunicação. Nesse trajeto deparam-se com a Teoria da Informação, de Claude Shannon, que desconsidera o significado da mensagem porque acredita que ele não é relevante para compreender o processo de comunicação, mas explica a gênese do assunto.

Segundo Bahia, Shannon contribuiu de forma inequívoca para a compreensão de como se realiza a comunicação a partir da célebre esquematização na qual existe um emissor, um canal, uma mensagem, ruídos e um receptor. O pesquisador brasileiro deduziu, assim, que:

O dado é, portanto, a fase preliminar, desprovida de avaliação e capitalização. A informação é o valor dessa soma, é a fase crítica do processo que se realiza na mente da pessoa no momento da emissão ou recepção das mensagens. (...) Sem avaliação, a mensagem é apenas um dado; com avaliação e destinada a um fim especial, a mensagem é informação; com avaliação e mais o dado, utilizada para fins gerais e notadamente futuros, a mensagem é conhecimento". (BAHIA, 1971, p.11).

Basicamente, a dedução de Bahia é praticamente a mesma da maioria dos estudiosos da informação. A divergência fica por conta do termo conhecimento. O pesquisador italiano Luciano Floridi prefere tratar dos meandros da comunicação a partir da sintaxe, algo que extrapola o significado linguístico para abranger a compreensão do contexto. No livro *Information: a very short introduction* o estudioso afirma:

Como os dados podem vir a ter um significado atribuído e função em um sistema semiótico como uma linguagem natural é uma das questões mais difíceis na semântica, conhecido como o problema símbolo de encaixe. Felizmente, pode ser ignorada aqui. O único ponto que merece esclarecimento é que os dados constituam informação pode ser significativa independentemente de um informe². (FLORIDI, 2010, p.21-22).

² "How data can come to have an assigned meaning and function in a semiotic system like a natural language is one of the hardest questions in semantics, known as the symbol grounding

Para Floridi, além da sintaxe ser a responsável por transmitir um sentido à ação, é esta mesma ação a responsável pela comunicação, pois o dado seria a diferença entre duas coisas, ou dois estados. No livro, o pesquisador italiano dá o exemplo de um carro que não funciona quando o motorista vira a chave na ignição. O fato do carro não ligar é uma mudança de estado, o que por si só é um dado. A informação seria a compreensão pelo motorista que o fato do carro não estar com o motor funcionando é um indício de um problema. O que só teria ocorrido em virtude da sintaxe, proporcionada pelo conhecimento prévio do motorista não só acerca do funcionamento do veículo, mas do próprio entendimento de que está em veículo, o qual tem determinadas características, além de outros fatores.

Sintaxe, porém, é um termo controverso, assim como informação. Nicola Abbagnano define-a basicamente como "qualquer organização, combinação ou sistematização de partes" (2007, p. 904). Logo depois complementa dizendo que a sintaxe estuda as formas gramaticais ou lógicas da linguagem, mas que é preciso desvinculá-la do aspecto puramente semântico, pois esta, mais que doutrina dos significados, é uma teoria geral da verdade e da dedução nos sistemas sintáticos interpretados. Dai a razão pela qual distingui-las torna-se difícil e problemático (Ibid, p. 869). Isto é, Abbagnano chama de semântico aquilo que para Floridi é sintático, pois este seriam os sinais vindos do mundo exterior, os quais teriam significado a partir da semântica.

Malgrado as opiniões divergentes quanto aos termos, ambos divergem de Bahia quando ao conceito de conhecimento, o qual seria alcançado, entre outros, pelo jornalismo, que reuniria os meios especializados na difusão de notícias. Dessa forma, compreende-se porque é necessário tratar de dados e informação quando se busca compreender as novas características do jornalismo imerso no universo digital e carente da compreensão do que isso deve resultar no futuro. Nesse cenário, é importante a contribuição da pesquisadora norte-americana Melanie Mitchel. Em *Complexity: a guided tour* ela faz referência a diversos fenômenos que atormentam e despertam o interesse da opinião pública, como a imprevisibilidade do clima no planeta, para defender uma mudança na forma de encarar os fatos:

problem. Luckily, it can be disregarded here. The only point worth clarifying is that data constituting information can be meaningful independently of an informee." (Tradução do autor)

Em meados do século XX, muitos cientistas perceberam que tais fenômenos não pode ser classificado em qualquer disciplina única, mas exigem uma compreensão interdisciplinar com base em fundamentos científicos que ainda não foram inventados. Várias tentativas de construir essas fundações incluem (entre outros) os campos da cibernética, sinergia, ciência de sistemas, e, mais recentemente, a ciência de sistemas complexos³. (MITCHEL, 2009, p.10).

Mitchel defende a tese de que é preciso outros olhares para compreender determinados fatos porque vê-los a partir das ferramentas das quais dispomos não são suficientes para entender esses sistemas. Para ela, nos sistemas complexos muitos fatores estão imbricadamente entrelaçados, e o campo de complexidade é em si um entrelaçamento de muitos campos diferentes. Assim, não é possível separá-los para compreendê-los, como tradicionalmente a ciência o faz.

É curiosa tal afirmação porque ela rechaça e ao mesmo tempo endossa determinados aspectos da comunicação, a qual poderia ser encarada como um sistema complexo pela razão de comportar diversas vicissitudes próprias que, separadas, prejudicariam o todo. Um exemplo seria a decisão da Teoria da Informação de ignorar o significado da mensagem, o que poderia ser considerado um equívoco à luz da afirmação da pesquisadora, ao considerar-se o sentido da mensagem algo imprescindível para a compreensão mais ampla. Por outro lado, a cibernética, citada por ela, é justamente a tentativa de vislumbrar o todo à medida que trata do todo da comunicação. Não por acaso, Wiener discordava de Shannon em relação a diversos aspectos da Teoria da Informação, entre outros como medir a quantidade de informação e o papel da entropia.

Independente desses aspectos inicialmente dissonantes, é válida a contribuição de Mitchel para o jornalismo porque mostra o quanto é necessária uma visão interdisciplinar na compreensão dos fenômenos da comunicação e os motivos pelos quais é preciso investir em uma visão mais abrangente em torno da informação. Esses fatores ratificam a importância da ética no jornalismo e principalmente no uso de dados, os quais não podem prescindir dos ditames éticos.

³ "By the mid-twentieth century, many scientists realized that such phenomena cannot be pigeonholed into any single discipline but require an interdisciplinary understanding based on scientific foundations that have not yet been invented. Several attempts at building those foundations include (among others) the fields of cybernetics, synergetics, systems science, and, more recently, the science of complex systems." (Tradução do autor)

Jornalismo de dados

Antes, porém, da discussão ética em torno do uso de dados disponibilizados na rede, urge uma reflexão sobre os limites da prática e delimitações em relação ao tema. O Manual de Jornalismo de Dados define-o como a prática do jornalismo a partir de números, os quais estariam à disposição do profissional que desejasse obtê-lo. No entanto, o Manual ressalva que tais números não são apenas aqueles inseridos em uma planilha, mas tudo o que está no mundo digital, já que este é formado pelo sistema binário, representado nos computadores pelos algarismos 0 e 1. Assim, deduz a obra, jornalismo de dados “talvez sejam as novas possibilidades que se abrem quando se combina o tradicional ‘faro jornalístico’ e a habilidade de contar uma história envolvente com a escala e o alcance absolutos da informação digital agora disponível” (GRAY et al, 2012, p. 8). Nesse sentido, uma fotografia, um vídeo no You Tube ou um nome em uma rede social poderia ser considerado um dado, já que está em um universo virtual.

A definição vem ao encontro dos apontamentos de Walter Lima Júnior, para o qual o jornalismo baseia-se na manipulação da informação. Esta, por sua vez, seria um dado estruturado, que possui dependência do ambiente e tem campo semântico (LIMA JÚNIOR, 2012, p. 210). Assim, o jornalismo seria uma forma de tratar a informação de forma que ela possuía significado na sociedade. Além de endossar as perspectivas apontadas por Floridi no que tange à informação e a forma de trazer significado a ela, as colocações do pesquisador brasileiro ratificam a ideia de que o jornalismo pautado nas informações disponibilizadas em rede vão muito além da simples extração de números, pois buscam encontrar significado na infinidade de dados depositados pelas pessoas, principalmente na internet.

Para realizar esta tarefa, muitas publicações buscam ensinar o jornalista a utilizar os recursos atualmente disponíveis, notadamente os gratuitos. A obra Ferramentas Digitais para Jornalistas, da jornalista Sandra Crucianelli é uma delas. Importante para aqueles profissionais que buscam técnicas rápidas e eficientes de busca e garimpagem de informações, o livro, assim como Manual de Jornalismo de Dados, contribuiu para formar jornalistas preparados para as novas exigências do mundo digital. Sendo pioneira na utilização da internet e de ferramentas digitais no jornalismo, Crucianelli compila uma série de dicas e recomendações essenciais (CRUCIANELLI, 2010, p. 9). Outra obra que merece menção é *Data Visualization: A New Language for Storytelling*,

elaborada pela organização norte-americana O'Reilly Media. Curto e bastante objetivo, com apenas 25 páginas, o livro defende a tese, inclusive, de que os dados criaram uma nova forma de narrativa, pautada em elementos típicos dos computadores, como a geolocalização, e que poderão ser uma nova linguagem mundial:

Alguns argumentam que os gráficos de dados já se tornaram uma espécie de língua franca que atravessa fronteiras da linguagem comum global de cultura e política. (...) Boas visualizações de dados são mais do que apenas pontos finais de processos analíticos; eles são plataformas para contar histórias, transmitindo conhecimentos, provocando emoções e provocando curiosidade⁴. (BARLOW, 2015, p.2).

Lima Júnior, no entanto, sugere mudanças mais acintosas no jornalismo a partir do uso de dados e dos recursos que os computadores oferecem. Em um artigo assaz valioso para a área, o cientista realiza uma discussão em torno de novas tecnologias baseadas em API (*Application Programming Interface*) para criar um novo tipo de jornalismo hiperlocal. Para o pesquisador, os API's, que são rotinas e padrões de programação para acesso a um aplicativo de software ou plataforma baseado na *web* (WIKIPEDIA, 2015), podem ser utilizados por seres humanos para a criação de sistemas inteligentes que utilizariam dados locais para a criação de informação estruturada.

Os API's de públicos específicos em ambientes locais fornecem informações e serviços jornalísticos em qualquer lugar, a qualquer hora, em qualquer plataforma móvel. Assim, o jornalismo deve tirar proveito desta tecnologia para habilitar conteúdo interativo adaptado. Isso é possível porque as informações relacionadas e correlacionadas por API's estão interligadas através de pontes de metadados, criando inúmeras possibilidades de camadas informativas. A "conversa" entre máquinas computacionais, por API's, pode entregar informação jornalística sob medida⁵. (LIMA JÚNIOR, 2015, p.321).

⁴ "Some argue that data graphics have already become a sort of lingua franca, a common global language crossing boundaries of culture and politics. Nathan Yau sees data visualization "as a medium rather than a specific tool." Good data visualizations are more than just endpoints of analytic processes; they are platforms for telling stories, conveying knowledge, eliciting emotions, and sparking curiosity." (Tradução do autor)

⁵ "APIs to the particular audiences in local settings provide journalistic information and services anywhere, anytime, on any mobile platform. Thus, journalism must take advantage of this technology for enabling tailored interactive content. It's possible because information related and correlated by APIs are interconnected through bridges of metadata, creating numerous possibilities

Ética jornalística

Diante de tantas possibilidades de realização de uma reportagem a partir da coleta de dados disponíveis na internet, é fundamental questionar limites para a tarefa. Para tanto, este trabalho considera fundamental a discussão em torno da ética jornalística a qual seria uma das linhas de estudo.

A ética é a ciência da conduta que discute como o homem se relaciona com a sociedade. Logo, estuda os valores morais e princípios do comportamento humano. A formação etimológica da palavra leva a duas ramificações de pesquisas da ética. A primeira, denominada filosófica, tem caráter normativo e busca estabelecer os princípios constantes e universalmente válidos para uma boa vida em sociedade. Nela, discute-se uma moral universal ideal. A segunda linha de estudos, chamada ética científica, tem caráter explicativo e busca compreender as morais históricas numa reflexão sobre os costumes. Dai, surge o estudo da moral, que define alguns traços de caráter manifestados no agir habitual. Isto é, qualidades pessoais que devem ser valorizadas, ao contrário do vício, caracterizado pelo excesso ou carência de uma virtude.

Essas concepções advêm da ética das virtudes, originária de Sócrates (400 a.C). Um exemplo de virtude seria a coragem, ao passo que o excesso caracterizar-se-ia pela temeridade, e a carência, pela covardia. As virtudes são necessárias para orientação da vida em sociedade. Rachels tem uma importante colocação sobre esses traços humanos: "As sociedades fornecem sistema de valores, instituições e modos de vida que moldam a existência dos indivíduos. As virtudes essenciais não são prescritas por convenções sociais, mas por fatos fundamentais sobre a nossa condição humana comum" (2004, p. 96).

Francisco José Castilhos Karam (2014) defende o direito social à informação como pressuposto básico para o exercício do jornalismo. Para ele, é por meio das informações jornalísticas que o cidadão toma conhecimento do mundo, isto é, o constroi simbolicamente. Disto resulta, na concepção do autor, a necessidade do jornalismo demonstrar uma ampla variedade de opiniões, versões, culturas e comportamentos para que o usuário da notícia possa tirar conclusões.

Essas ideias do autor vêm ao encontro das preocupações do jornalismo de dados, instrumento fundamental para tornar a informação cada vez mais variada, com diferentes contornos do fato e ampla gama de

of informative layers. The "conversation" among computational machines, by APIs, has provided to deliver tailored journalistic information." (Tradução do autor)

interpretações da notícia, pois o profissional tem à disposição, pelo menos na teoria, maior quantidade de números, opiniões e dados que possam tornar a notícia mais completa. Isto, porém, exige do profissional de imprensa uma acuidade ainda maior com a informação porque os dados podem ser coletados sem a necessidade de fontes, o que naturalmente deixa o trabalho mais fácil do ponto de vista da apuração, mas impõe determinadas precauções.

Sobre isso, vale ressaltar as colocações de uma das figuras mais emblemáticas do jornalismo brasileiro: Cláudio Abramo. Em *A regra do jogo* ele confessa um profundo gosto pela marcenaria e afirma que não existem duas formas diferentes de agir quando o assunto é ética. Assim, cunhou o termo “ética do marceneiro” para referir-se ao exercício jornalístico. Para Abramo é errôneo esperar uma conduta diferente apenas porque a pessoa é jornalista, já que não há diferença no modo de agir entre o profissional que produz notícias e o cidadão que lê notícias. “No jornalismo, o limite entre o profissional como cidadão e como trabalhador é o mesmo que existe em qualquer outra profissão. (...) A ética do jornalista é a ética do cidadão. O que é ruim para o cidadão é ruim para o jornalista” (ABRAMO, 1988, p. 109).

Abramo defende ainda que os jornalistas devem exigir ética das empresas no que diz respeito ao tratamento com a classe e não em relação ao público leitor, telespectador ou ouvinte. Opinião totalmente contrastante com a de Eugênio Bucci, que chama de alienígena a postura de muitos jornalistas que se recusam a discutir o *modus operandi* da mídia. “É como se a imprensa proclamasse: minha função é informar o público, mas os meus valores não estão em discussão, os meus métodos não da conta de mais ninguém –eles são bons, corretos e justos por definição” (2000, p. 39).

As críticas de Bucci são corroboradas por Karan, que também condena a colocação de Abramo sobre uma ética diferenciada dos padrões. Para Karan há um nítido descompasso na proposição porque dá-se a impressão de que os donos dos veículos de comunicação estariam isentos de cumprir com suas obrigações cívicas e morais, diferentemente dos jornalistas e de toda a sociedade. (KARAM, 2014, p. 82).

Tais reflexões são importantes para o jornalismo de dados por diversas razões. Primeiro, porque todo jornalista tem um padrão. Como lembra o próprio Abramo de forma singular: “como todo jornalista é candidato a intelectual –embora não seja, jornalista é o sujeito que

trabalha em jornal—, abriga a ilusão de que tem poder. Mas, no jornal, o poder é do dono” (1988, p. 163). Guardadas as devidas diferenças, já que o texto foi escrito há muitas décadas, o exemplo cabe perfeitamente à realidade atual, pois o jornalista continua sendo um trabalhador a serviço de uma empresa.

Segundo, porque o jornalista que trabalha com dados permanece sendo uma profissional de imprensa. Embora trabalhe de forma mais isolada, já que a tecnologia possibilita, por exemplo, a coleta de dados a partir de um computador doméstico, o jornalista de dados continua fazendo notícia, isto é, necessita refletir sobre a forma como a mídia opera. Nos ditames de Bucci, necessitam pensar sobre o que estão fazendo, como estão fazendo e como poderiam fazer melhor para proporcionar ao público uma informação de qualidade.

Aliás, Abramo traz outra importante contribuição em torno da discussão em torno do *modus operandi* da mídia. Sendo um profundo observador da realidade, o jornalista fez uma observação extremamente valiosa sobre a reportagem, mesmo em um período da história sem computadores nas redações brasileiras: “hoje a reportagem está pouco diluída, porque se criou, com vantagem para a profissão, a preocupação de verificar muito a validade das informações” (1988, p. 112). A diluição a que se refere Abramo é a superficialidade do repórter em colocar contexto na notícia, já que o profissional fica muito preso à opinião de suas fontes em detrimento da sua visão de mundo.

Embora possa-se interpretar tais palavras como um equívoco do ponto de vista da pretensa imparcialidade do jornalismo, elas são importantes porque mostram a validade dos referenciais usados pelo jornalista para transmitir informação. Em outras palavras, o contexto proporcionado pelo repórter é que dá maior significado à notícia, já que será sempre impossível transmitir todo o fato narrado.

Essa é uma das tragédias do jornalismo, ou seja, a falta de parâmetros, o desconhecimento do que ocorreu antes. E como o jornalismo é, em grande parte, o registro do histórico cotidiano – ou do cotidiano histórico, como se queira –, é preciso ter pontos referenciais sobre o universo em que se vive. (ABRAMO, 1988, p. 113).

Nesse ponto, Abramo toca em um aspecto tratado por Melanie Mitchel em torno dos sistemas complexos. Como ela afirma que para ver o todo não se pode dividi-lo em partes, justamente o que o jornalismo o faz por imposição do tempo, do espaço e outros fatores, será a visão de

mundo do repórter que esteve no local do fato que trará o contexto necessário para compreender o todo. Abramo não concordava com a tese de imparcialidade do jornalismo e tampouco do profissional porque, para ele, todos são seres políticos, os quais não devem esconder suas opiniões. Pelo contrário, pode usá-la quando achar válido.

O que me interessa de fato é fazer política, é mudar a sociedade brasileira. Para mim, o jornalismo foi frequentemente um instrumento que usei em benefício de minhas ideias. Como acho que a realidade brasileira é cruel demais, me achava na obrigação de muda-la, mas isso não quer dizer que seja obrigação de todo jornalista. (ABRAMO, 1988, p.120).

Além de mostrar que uma suposta parcialidade dos dados é impraticável porque quem os usa não o é, Abramo reforça a tese de Mitchel sobre a melhor maneira de encarar a complexidade da realidade. Por mais que possa parecer obtuso defender a parcialidade como maneira de alcançar melhores níveis de reportagem, será a visão diferenciada do repórter que poderá trazer elementos mais claros dos fatos. Isso poderia, inclusive, ser uma explicação para a ética do marceneiro de Abramo, qual seja, quem tem uma visão de mundo minimamente ética, pode realizar qualquer ofício que o fará em benefício do outro.

Bucci lembra que “a ética está na práxis. Há uma sintonia entre os costumes e a boa conduta, pois a ética não está nem poderia estar fora dos costumes” (2000, p. 17). Se a ética está no modo de agir do jornalista, logo, é indispensável a visão de vida em sociedade para que ela possa existir. Marilena Chaui ressalta “a ação só é ética se realizar a natureza racional, livre e responsável do agente e se o agente respeitar a racionalidade, liberdade e responsabilidade de outros agentes, se sorte que a subjetividade ética é uma intersubjetividade” (CHAUI, apud BUCCI, 2000, p. 16). Se a ética está intimamente ligada ao outro, o jornalista de dados não pode prescindir, em nenhuma hipótese, de preocupar-se com seu consumidor de notícia, pois é para ele que produz conteúdo jornalístico.

Vale ressaltar ainda uma outra razão pela qual a visão de mundo do repórter é essencial. Abramo diz que ainda na década de 1970 começaram as grandes coberturas jornalísticas no Brasil, nas quais muitos repórteres eram enviados a determinado lugar com o intuito de apurar o máximo possível dos fatos e transmitir o maior volume de informações possíveis. Para o jornalista a iniciativa não se traduzia em um melhor jornalismo, na

maioria das vezes, por diversas razões. Abramo cita o exemplo da revista Realidade que enviou repórteres à Amazônia com o propósito de mostrar ao máximo a realidade do local. No entanto, diz Abramo, eles entrevistaram quem estava por perto deles, o que representa parte insignificante do todo. O mesmo ocorria com muitos enviados a guerras e conflitos, os quais eram relatados a partir praticamente do mesmo ponto de vista pela dificuldade na obtenção de informações. Por isso, esse tipo de cobertura “exprime uma visão multifacetada do fato. São múltiplas visões de um acontecimento, mas falta talvez uma visão global, de uma pessoa só. Quando se vê algo por meio de vinte olhos diferentes, não há um olho que veja o conjunto” (ABRAMO, 1988, p. 165).

À luz do jornalismo de dados, essa visão pode ser benéfica, se avaliarmos que o jornalista trabalha muito sozinho, sem uma redação, em diversas ocasiões, e parte de seus próprios referenciais para desenvolver a notícia. Por outro lado, aumenta a responsabilidade porque a profusão de dados é enorme e cabe a ele transmitir uma informação estruturada de forma correta. Abramo ainda faz um alerta extremamente válido para reportagens baseadas em grande quantidade de informação.

A qualidade da reportagem perde muito no seu fracionamento. Não acredito que a multiplicação dos textos melhore o nível da reportagem. Insisto em que é muito melhor escolher grandes repórteres para fazer matérias depressa e bem-feitas, sem muita mão-de-obra, sem muita elaboração posterior, do que apresentar uma massa de informações fragmentadas. (ABRAMO, 1988, p.166).

A fragmentação da informação é uma característica onipresente no rol de dados disponíveis hoje em rede. Como uma das atribuições do jornalismo de dados é justamente procurar, encontrar, selecionar, sistematizar e difundir a notícia, que nada mais é que a informação estruturada a partir de dados esparsos, é imprescindível que o profissional leve a cabo a opinião de Abramo.

O que também reforça a necessidade da ética profissional é o fato de que as poucas publicações dirigidas aos profissionais de imprensa que lidam com dados não fazem qualquer referência à ética jornalística. As poucas menções existentes dizem respeito a aspectos genéticos da profissão, sem adentrar a questões mais elaboradas, como o fato de existir uma quantidade de dados disponíveis atualmente muito acima da compreensão humana.

Ademais, os manuais tradicionais, como o Código de Ética do Jornalista, ou os manuais de redação dos grandes veículos de comunicação não fazem referência explícita ao uso de dados por ser um recurso recente na história do jornalismo. Isto torna ainda mais premente a discussão sobre a ética no ambiente digital dos dados porque é preciso trilhar limites para o exercício profissional do jornalismo de dados, como já acontece com o exercício profissional em outras instâncias.

Considerações finais

O jornalismo de dados é uma nova fronteira da profissão e, como tal, apresenta desafios a serem superados e vantagens a conquistar. A ética não está em nenhum desses campos porque é exercício inerente da profissão. Ela não pode ser alijada em nenhuma hipótese, tampouco diante da enormidade de números, palavras, imagens e outros símbolos que remetem à intimidade das pessoas ou instituições e que estão presentes em proporções nunca antes vista na história da humanidade.

Os profissionais de imprensa que se utilizam dos dados para produzir notícias têm obrigação, como qualquer outro jornalista, de zelar pela ética no exercício diário da profissão. Ainda mais levando-se em consideração que não há bases sólidas nos mecanismos usualmente conhecidos pelos veículos, como manuais de redação e livros que ensinam a realizar o jornalismo de dados.

Sendo a academia o âmbito usual para a discussão de ideias e o ambiente indispensável para a reflexão da profissão jornalística, este texto buscou iniciar lampejos de debate para alimentar novos estudos em torno de tão importante e necessário tema.

Referências

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ABRAMO, Cláudio. **A regra do jogo: o jornalismo e a ética do marceneiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- BARBOSA, Suzana. **Jornalismo digital em base de dados (JDBD): um paradigma para produtos jornalísticos digitais dinâmicos**. 2007. 329 f. . Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de comunicação, Salvador, 2007.
- BAHIA, Juarez. **Jornalismo, informação, comunicação**. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1971.

- BARLOW, Mike. **Data Visualization: A New Language for Storytelling**. Sebastopol: O'Reilly Media Inc, 2015.
- BUCCI, Eugênio. **Sobre ética e imprensa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- CRUCIANELLI, Sandra. **Ferramentas Digitais para jornalistas**. Austin: University of Texas, 2010.
- FLORIDI, Luciano. **Information: a very short introduction**. New York: Oxford University Press, 2010.
- GRAY, Jonathan et al. **Manual de jornalismo de dados**. Março, 2012. Disponível em: <<http://datajournalismhandbook.org/pt/index.html>>. Acesso em: 27 ago. 2015.
- JORGE, Thais de Mendonça Jorge; OLIVEIRA, Vivian Rodrigues de. O jornalista atuante nas novas mídias móveis: o perfil do editor de conteúdo noticioso para plataformas tablets e smartphones. **Comunicação & Inovação**, v. 16, n. 31, p.113-129, maio-ago 2015.
- KARAM, Francisco José Castilhos. **Jornalismo, ética e liberdade**. São Paulo: Summus Editorial, 2014.
- LIMA JÚNIOR, Walter Teixeira. "Big Data, Jornalismo Computacional e Data Journalism: estrutura, pensamento e prática profissional na Web dados". **Estudos em Comunicação**, nº 12, p. 207-222, dez. 2012.
- LIMA JÚNIOR, Walter Teixeira. Mobile devices and APIs in the framing of hyperlocal journalism. In: CANAVILHAS, João; STUFF, Ivan. **Org(s). Jornalismo para dispositivos móveis: produção, distribuição e consumo**. Covilhã: LabCom, 2015.
- MACLUHAN, M. **Understanding Media: The Extensions of Man**. Mc Graw-Hill Book Company, 1964.
- MITCHEL, Melanie. **Complexity: a guided tour**. New York: Oxford University Press, 2009.
- RACHELS, James. **Elementos da filosofia moral**. Lisboa: Gradiva, 2004.
- TAPSCOTT, Don. **A hora da geração digital: como os jovens que cresceram usando a internet estão mudando tudo, das empresas aos governos**. Rio de Janeiro: Agir Negócios, 2010.
- WIKIPEDIA. **Interface de programação de aplicações**. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Interface_de_programa%C3%A7%C3%A3o_de_aplica%C3%A7%C3%B5es>. Acesso em: 28 ago. 2015.
- WIENER, Norbert. **Cibernética e sociedade: o uso humano de seres humanos**. São Paulo: Cultrix, 1950.